

Estão melhorando as perspectivas da economia. De repente, o noticiário ganha um tom bem mais otimista, com inflação menor que a esperada, crescimento mais equilibrado, exportação em alta e projeções de saldo comercial menos desfavorável. O diretor de Política Monetária do Banco Central, Francisco Lopes, já projeta equilíbrio na conta de comércio para dentro de dois ou três anos. A previsão pode ser excessivamente otimista, mas não é sem fundamento. O Banco Mundial divulga um cenário animador para 2020, quando o Brasil, segundo técnicos da instituição, poderá ter um peso bem maior que o de hoje na economia global. São avaliações sujeitas a confirmação e dependentes de muitas condições, mas se baseiam em projeções de tendências que nem todos são capazes de perceber. Tanto os novos dados quanto as novas projeções contrastam com a ansiedade observada, há mais de um mês, no mercado de capitais. A oscilação nas bolsas pode ser explicada, em parte, como ajuste de preços depois de prolongada valorização. Em Nova York tem ocorrido algo semelhante, com reflexos no mercado brasileiro.

Além disso, a instabilidade, tanto no exterior quanto no Brasil, ainda está associada à crise na Ásia, um episódio não superado totalmente. Se as cotações, nas bolsas, dependessem apenas da situação nacional, poderia prever-se uma relativa calma, afetada somente por alguns acertos técnicos.

O aumento da exportação, especialmente de manufaturados, foi a melhor novidade no setor externo. Setores industriais de peso voltam a ganhar poder de competição no mercado internacional. É o resultado visível não só de investimentos privados, mas também de alguma redução do chamado custo sistêmico. Têm ocorrido pequenas melhoras na tributação e nos custos portuários, por exemplo. As mudanças mal começaram. Mas o cenário está-se alterando e, a cada dia, torna-se mais improvável um retrocesso.

Outro dado positivo é que a despesa com produtos importados começa a subir mais lentamente. Diante do novo quadro, técnicos da Confederação Nacional da Indústria já admitem, para este ano, um déficit comercial até menor que US\$ 10 bilhões. Essa expectativa é reforçada pela revisão, para menos, da conta de importações. O défi-

cit comercial, de toda forma, ainda será considerável, mas a tendência será de um comércio menos desequilibrado.

O crescimento puxado pela construção e pelo investimento, mantida a tendência dos últimos dois ou três meses, também será mais seguro. A expansão econômica será menos dependente da importação e, ao mesmo tempo, mais orientada para a competitividade. Se a direção não mudar, será um movimento mais sustentável que o dos primeiros três anos do real. Além disso, poderá resultar em mais empregos, a curto prazo, graças à construção habitacional e às obras de infra-estrutura.

A inflação em baixa tende a reforçar a segurança. Vários indicadores de preços têm caído em termos absolutos, durante várias semanas. Não se pode, a rigor, falar em deflação, porque ainda sobra, em termos anuais, um crescimento de preços da ordem de 5%. Há espaço, portanto, para alguma acomodação adicional. Isso deve refletir-se não só no bem-estar dos consumidores, mas também no co-

mércio exterior. A baixa da inflação facilitará o ajuste cambial. Se o governo mantiver a desvalorização no ritmo habitual, em torno de 0,6% ao mês, a variação real do câmbio tenderá a crescer. O efeito dependerá, em parte, da contenção de preços dos bens e serviços não comerciáveis. Esses preços foram os de maior crescimento desde o surgimento do real. Entre eles se incluem custos importantes para a competitividade,

como as tarifas de energia elétrica e de telecomunicações e os preços dos combustíveis.

Alguns dos principais indicadores, portanto, convergem para o rumo certo. Quanto mais pronto o ajuste, menos vulnerável será a economia a turbulências do mercado internacional. Assim também, quanto mais velozmente se equilibrem as contas públicas, mais facilmente crescerá a capacidade de investir. Embora venha aumentando, um investimento equivalente a 16,5% do Produto Interno Bruto ainda é baixo. O desequilíbrio das contas do governo continua a ser o principal entrave à formação de capital para o crescimento.

O noticiário econômico começou a refletir uma situação geral de otimismo no País